

O Segredo do Velho Farol

Numa pequena aldeia costeira em Portugal, não muito longe daqui de Estômbur, vivia uma menina chamada Lúcia. Lúcia tinha um cabelo cor de areia e olhos curiosos que pareciam absorver todo o azul do mar. A coisa que ela mais amava na aldeia era o **velho farol**, abandonado há décadas no topo de um rochedo.

Todos os dias, depois da escola, Lúcia corria até lá. Não podia entrar, claro, mas contornava as pedras e olhava para as janelas escuras da torre. Os mais velhos da aldeia contavam histórias sobre ele – que era assombrado, que guardava tesouros, ou que simplesmente tinha ficado triste quando o seu faroleiro desapareceu sem deixar rasto.

Um dia, enquanto observava o farol, Lúcia notou algo diferente. Uma das pedras na base da torre parecia ligeiramente deslocada. Com um esforço, ela conseguiu movê-la, revelando uma pequena **caixa de madeira envelhecida** escondida por baixo. O coração de Lúcia bateu forte.

Lá dentro, não havia ouro nem joias, mas sim um pequeno caderno com a capa de couro puído e um lápis gasto. O caderno estava cheio de desenhos e anotações sobre as estrelas, as marés e, curiosamente, alguns mapas celestes antigos. A última página continha uma mensagem, escrita com uma caligrafia elegante:

"A luz não está perdida, apenas escondida. Procura-a onde a terra encontra o céu."

Lúcia passou a noite a decifrar a mensagem. "Onde a terra encontra o céu"... Ela pensou no topo do farol, no ponto mais alto da aldeia. Decidiu que, no dia seguinte, faria a sua própria investigação.

Ao amanhecer, Lúcia conseguiu, com muito cuidado e alguma escalada, alcançar uma janela superior do farol que estava partida. Lá dentro, o pó cobria tudo, mas ela seguiu as indicações do caderno. No centro da sala onde outrora brilhara a grande lâmpada, havia um alçapão quase impercetível no chão.

Com um puxão, o alçapão abriu-se, revelando uma escada escura que descia. Lúcia hesitou, mas a curiosidade foi maior. Desceu degrau por degrau, e no fundo, encontrou uma pequena câmara secreta. Ali, numa prateleira, repousava não um tesouro de ouro, mas algo muito mais valioso: uma **antiga luneta de bronze**, polida e bem cuidada, e um conjunto de lentes cristalinas.

Ao lado, um bilhete final: "Para aquele que ainda busca o brilho do universo. O faroleiro nunca se foi, apenas viajou pelas estrelas."

Lúcia percebeu. O faroleiro não tinha desaparecido; ele era um astrónomo apaixonado, que usava o farol não só para guiar navios, mas para observar o cosmos. A "luz" da mensagem não era a do farol, mas a das estrelas que ele tanto amava.

A partir daquele dia, Lúcia visitou a câmara secreta do farol sempre que podia. Com a luneta do antigo faroleiro, ela começou a explorar os céus noturnos, as estrelas, a lua. Ela

nunca mais viu o velho farol como um lugar abandonado, mas sim como um portal para o universo, um segredo partilhado entre ela e o faroleiro das estrelas. E cada noite, um pouco da magia do velho farol voltava a brilhar nos seus olhos.